Dia 15 — A Comemoração dos Fiéis Defuntos

Posto que a morte não rompe os laços que unem entre si os verdadeiros fiéis, tampouco deve diminuir nem debilitar a caridade que deve reinar entre eles. Sendo cidadãos de uma mesma pátria, membros de um mesmo corpo, filhos de uma mesma Igreja, que auxílios, que socorros é razão que reciprocamente se prestem, e que não poderão esperar os fiéis defuntos dos que ficaram vivos!

O serem escolhidos de Deus, o serem cidadãos da corte celestial, o serem co-herdeiros de Jesus Cristo, o serem predestinados à glória os faz dignos de nossa estima. Muitos deles são nossos parentes; e o triste cárcere em que estão aprisionados, o lamentável estado a que se acham reduzidos, os terríveis tormentos que padecem, tudo isto merece bem nossa compaixão. Na mão temos com que aliviá-los, com que livrá-los daquelas penas e com que granjear-nos ao mesmo tempo uns poderosos amigos junto a Deus. Que crueldade será esquecê-los! Que indolência mais contrária a nossos próprios interesses! Que insensibilidade mais irregular, mais injusta!

Tendo recolhido Judas Macabeu, diz a Escritura [^1], duas mil dracmas de uma coleta que mandou fazer, enviou-as a Jerusalém para que se fizesse um sacrifício de expiação pelas almas dos defuntos, tendo bons e piedosos pareceres acerca da ressurreição. Porque, se não tivesse esperança, acrescenta o sagrado texto, de que os que haviam morrido haviam de ressuscitar algum dia, teria por coisa vã e supérflua o fazer oração por eles; e assim considerava que estava reservada uma grande misericórdia aos que haviam morrido em piedade. Pelo que, conclui o Espírito Santo, é santo e salutar pensamento rogar a Deus pelos defuntos para que os livre das penas que padecem por seus pecados. Isso é o que quer dizer *ut a peccatis solvantur*; porque na sagrada escritura se dá frequentemente o nome de pecado à pena que lhe corresponde.

Neste lugar da Escritura se autoriza tão formalmente a doutrina da Igreja tocante às orações que se fazem pelos defuntos que os hereges destes últimos tempos, não podendo eludir o sentido de um texto tão claro e tão concludente, tomaram o partido de negar-lhe a autoridade, não admitindo entre os livros canônicos o livro dos Macabeus, contra o comum sentir dos santos padres gregos e latinos e contra a autoridade dos concílios. A tais extremos se veem reduzidos os que uma vez chegaram a perder a fé.

Em todos os tempos e em todos os séculos costumou a Igreja fazer oração por aqueles filhos seus que haviam morrido em sua comunhão. As orações que fazia em honra dos santos mártires e dos santos confessores eram de louvores e de ação de graças ao Senhor em honra daqueles que a haviam edificado com sua vida e com sua morte; as que oferecia a Deus pelos demais eram por modo de sufrágio, sem excluir deste caritativo cuidado mais que os excomungados, como a

separados de seu grêmio.

Na oração fúnebre que São Gregório Nazianzeno pronunciou por seu irmão São Cesário, diz que espera repetir todos os anos aquelas honras, renovando no altar a memória do defunto e oferecendo por ele o santo sacrifício. Depois, voltando-se para o mesmo defunto, como se o tivesse presente, e dirigindo-lhe a palavra, diz-lhe: *Utinam cœlos penetres, atque in Abrahæ sinu, quicumque tandem ille est, conquiescas, et angelorum choream, ac beatorum virorum gloriam et splendorem spectes*: Queira Deus que penetres até a feliz mansão dos bem-aventurados e que tenhas parte naquela glória dos anjos que gozam ditosamente os santos. Quão eficazmente confundem estes piedosos desejos, estas ardentes palavras de um santo tão grande os grosseiros erros e os lastimosos descaminhos dos inimigos de Jesus Cristo e de sua Igreja neste artigo de nossa fé!

Mas, se o rogar a Deus pelos defuntos é costume tão antigo na Igreja, pois nasceu com ela; se esta oração é tão proveitosa àqueles por quem se faz como aos mesmos que a fazem; se não somente é ato de religião, mas espécie de justiça; se é uma caridade tão racional e em que tanto interessamos, como se pode esquecer uma obrigação tão justa? Como é possível desentendermo-nos de um ato de virtude desta consequência?

Que crueldade estar vendo seu pai numa fogueira e estar vendo-o sem compaixão! Que desumanidade rir e divertir-se enquanto o irmão, enquanto a irmã, enquanto a mãe estão padecendo horríveis tormentos de que com facilidade poderias livrá-los ou ao menos diminuir-lhos! Que barbaridade não querer solicitar-lhes nem mesmo o mais mínimo alívio! Um jejum, uma esmola desses mesmos bens que eles te deixaram e que estás dissipando em tuas diversões adoçariam aqueles tormentos, mitigariam aquelas chamas, romperiam talvez aquelas prisões e poriam em liberdade aquelas almas, adquirindo-te a ti grandes amigos e poderosos protetores no céu. Certamente, a indiferença, o esquecimento que se tem daquelas santas almas não pode nascer senão de uma grande falta de fé ou de uma bárbara dureza.

Lembra-te de que com a medida com que medires, com essa serás medido, como diz o Salvador; e que não somente permitirá Deus que teus filhos, que teus amigos, que teus herdeiros se esqueçam de ti depois de tua morte, mas que as missas, as orações, as esmolas que se oferecerem por ti, talvez as aplicará sua Majestade a outros que enquanto viveram tiveram mais caridade que tu com as almas do purgatório.

Porque quem poderá prometer-se que satisfará tão abundantemente à justiça de Deus neste mundo que nada lhe fique por satisfazer no outro? Não te lisonjeies, diz São Pedro Damião, se, depois de haver pecado gravemente, encontras um confessor demasiado brando ou ignorante que te impõe uma ligeiríssima penitência, não te lisonjeies de haver já satisfeito inteiramente por tuas culpas; é mister que fiquem perfeitamente expiadas no fogo do purgatório até as mais mínimas faltas; porque, pedindo o Senhor não quaisquer frutos, mas frutos dignos de penitência, o que é devedor a sua justiça lhe há de pagar até o último ceitil: *Nec tibi blandiaris, si graviter peccanti, levior pœnitentia vel a nesciente vel a dissimulante indicetur, cum in purgatoriis ignibus perficiendum sit quidquid hic minus feceris, quia dignos pœnitentiæ fructus quærit Altissimus.*

Pelo extremo rigor do soberano Juiz que detém no cárcere o devedor enquanto não pague até o último ceitil entendemos, diz Tertuliano, a grande severidade da justiça divina, que castiga rigorosamente na outra vida todos os defeitos que escaparam nesta mesmo à consciência mais delicada e mais escrupulosa: *Novissimum quadrantem, modicum delictum illic luendum interpretamur, donec in nullo rea deprehendatur bona vita.* Isto obriga Santo Agostinho a exclamar: Senhor, purificai-me nesta vida, de maneira que não tenha necessidade de que o fogo me purifique na outra: *Talem me reddas, cui jam emendatori igne non opus sit.*

É meio muito eficaz para merecer algum dia a graça e a misericórdia de nosso soberano Dono o fazê-la nós agora com aquelas almas que estão padecendo tão graves penas, das quais tão facilmente as podemos aliviar. Tememos acaso que não agradeçam mais que medianamente nossa caridade ou que talvez nos esqueçam quando as tivermos mister? Entremos no espírito da santa madre Igreja, que tantas vezes oferece pelos defuntos o sacrifício da missa e todos os dias faz alguma oração por eles. Acompanhemos todas as que nós fizermos com alguma mortificação, com alguma esmola; e lembremo-nos de que Jesus Cristo recebe como se se fizesse a sua mesma pessoa tudo o que se faz pelo mais mínimo de seus servos; com que olhos, pois, não há de olhar o que se faça por aquelas almas santas que são esposas suas e que, por dizê-lo assim, hão de compor eternamente sua corte.

São Raimundo, Fundador da Ordem de Calatrava

O venerável abade Raimundo, honra da Espanha, glória da reforma de Cister e esclarecido fundador da ordem militar de Calatrava, nasceu, segundo a opinião mais autorizada, na cidade de Tarazona, sita no reino de Aragão, embora alguns o creiam originário de São Gaudêncio, no condado de Comminges, na França, e outros de Tarragona, na Catalunha; todos com o santo desejo de honrar sua pátria, fazendo seu um herói tão recomendável e sobressalente na história da Igreja. Deus, que nos profundos segredos de sua providência o havia eleito para coisas grandes, adornou-o à proporção com as singulares disposições de natureza e graça que mais conduziam a executar tão altos desígnios. Criaram-no seus nobres pais com o maior cuidado na piedade e religião cristã; mas seu belo natural e inclinação à virtude lhes deixou pouco que fazer para ver cumpridas suas santas intenções. Já na puerícia era Raimundo exemplar nos costumes, moderado no falar, grave nas palavras, modesto nas ações e extremado em todos os exercícios de piedade.

Aplicado ao estudo das letras, como estava dotado de um engenho sólido e perspicaz, fez notáveis progressos nas ciências e não menores na virtude. Concluída esta carreira, foi provido num dos canonicatos da santa igreja de Tarazona, em cujo posto se fez admirar de todos por sua vida exemplar, inocência de costumes, pontual assistência aos divinos ofícios e pelo extremado amor que professava ao retiro. Mas, como Deus o chamava a um estado de perfeição mais sublime, seguindo nosso santo este superior impulso, ausentou-se como outro Abraão de sua pátria, pais e parentes e retirou-se ao deserto com o único fim de atender precisamente ao negócio importante

de sua salvação. Ouviu falar com grande elogio da reforma de Cister, que havia fundado o venerável Roberto, abade de Molesme, a qual brilhava como estrela matutina no firmamento da Igreja, iluminando o orbe com os vivíssimos raios de sua santidade. Imediatamente resolveu abraçá-la, entrando no célebre mosteiro chamado Escala Dei, situado na Gasconha. Ali professou o novo instituto com tanto fervor que a severidade das mortificações, o desapego do mundo, o espírito de recolhimento, sua cega obediência, sua terna devoção e sua profunda humildade o levaram muito em breve ao cume da perfeição religiosa.

Solicitavam os veneráveis religiosos mestres da reforma de Cister ampliar o célebre instituto quanto fosse possível e levá-lo por toda a terra, a fim de que até nos ermos e solidões mais apartadas do comércio humano se tributassem a Deus sacrifícios de louvor com cânticos e hinos espirituais. O abade do mosteiro de Escala Dei, varão altamente esclarecido em religião e piedade, quis dar valor ao excelente projeto, fazendo que tivesse uma muito pronta e diligentíssima execução, e para isso enviou ao reino de Navarra certo monge de conhecida virtude, chamado Durando, em classe de superior ou abade, com nosso santo, íntimo amigo seu, e outros religiosos daquela comunidade, que dessem princípio à santa empresa. Entrou esta agraciada e exemplar comitiva naquele reino e, internando-se por seus ásperos desertos, chegou até o monte Yerga, onde com permissão de Afonso VII, chamado comumente o Imperador, começaram a levantar um edifício para estabelecer-se, convertendo em igreja uma pequena ermida situada no cume, na qual se via uma imagem da Virgem, muito venerada em toda aquela comarca. Não se tardou muito tempo em experimentar que o fragoso do terreno e outras incomodidades que apresentava sua desproporcionada situação não eram convenientes para fixar ali o estabelecimento; pelo que, abandonando aquele sítio, trasladaram-se a um vale imediato, perto de Niencebas, povoação quase destruída pelos árabes, da qual também lhes fez doação o mesmo imperador Afonso no ano de 1140, em prova do singular afeto que tinha à reforma.

Fundaram aqui um mosteiro; e, morto Durando depois de haver exercido por algum tempo o ofício de superior, todos os monges elegeram de comum acordo a Raimundo, persuadidos de que com sua eminente virtude e consumada prudência não só conservaria a estreita regular observância da nova reforma, mas sustentaria com constância e zelo o santo projeto e o faria estender-se e dilatar-se. A insalubridade deste sítio os precisou de novo a buscar outra residência, e passaram a Castejón; e dali, aos dois anos, à herdade de Fitero, que lhes cedeu dom Pedro Tizón, avô do arcebispo dom Rodrigo. Com auxílio seu começou-se a edificar aqui o magnífico mosteiro de Santa Maria de Fitero, que enriqueceram profusamente com vultosas doações os reis e próceres do reino, atraídos da boa ordem e observância que introduziu nele a santidade de Raimundo. Seu elevado espírito e seu ardor e zelo apostólico não podiam estreitar-se dentro dos reduzidos muros do mosteiro; e, tendo-o Deus dotado de uma singular eloquência e de extraordinários talentos para a pregação da palavra divina, saía frequentemente a ilustrar com sua luz toda aquela região, na qual fez prodigiosas conversões, separou a não poucos dos perigos do século e os levou a servir a Deus no retiro do claustro.

Morreu por então o imperador Afonso, assinalado herói do cristianismo que, pelejando sempre nas batalhas do Senhor, havia abatido o orgulho dos agarenos na Espanha. Ganhou-lhes este magnânimo rei a vila e fortaleza de Calatrava no ano de 1147; e, para defendê-la e conservá-la, como praça de muita consequência e importância, cedeu-a aos cavaleiros templários, que a

sustentaram intrepidamente o espaço de dez anos com seu costumado valor e brio. Mas, como se visse logo investida de um poderoso exército que trouxe da África Miramamolim, estes cavaleiros, que se conheciam inferiores a forças tão numerosas, fizeram entrega da praça ao rei dom Sancho, o Desejado, filho de Afonso, que à sazão se achava em cortes em Toledo. Sentiu na alma o esforçado Sancho a intempestiva renúncia daquele presídio, por achar-se precisamente em guerra contra seu irmão Fernando de Leão e estar ocupado por outra parte em sossegar os tumultos do reino. Em tal conflito, fez publicar que, se alguma pessoa poderosa quisesse defender a praça de Calatrava, cedê-la-ia com todos os seus termos, castelos e fortalezas. Mas, como uma confederação tão notoriamente valorosa qual era a dos cavaleiros templários se havia retirado de sustentá-la, por causa do iminente perigo em que se viam, nenhum se atreveu a encarregar-se de tão difícil empresa.

Achava-se por este tempo em Toledo o venerável abade Raimundo em solicitação da confirmação dos privilégios concedidos a seu mosteiro. Para prosperar em sua comissão, havia trazido consigo um de seus monges, chamado dom Diego Velázquez, natural de Bureba, perto de Burgos, muito estimado do rei por havê-lo sido do imperador seu pai, a quem serviu com distinção no exército fazendo prodígios de valor e com quem antes e depois de monge consultava muitos negócios de gravidade e importância à coroa, sob o conceito de sua conhecida virtude, acreditada experiência e prudência consumada.

Este valoroso herói, acostumado tantas vezes a vencer o orgulho dos inimigos da religião, não pôde sofrer o novo ponderado insulto que tanto intimidava a nobreza da Espanha; e, renovando seu antigo alento, igualmente que aceso num santo zelo, persuadiu o abade Raimundo a que pedisse ao rei a fortaleza de Calatrava para defendê-la, oferecendo-se animoso a estar sempre a seu lado em todo transe e a assisti-lo com seu conselho e com suas forças. Ouviu não ingratamente o venerável prelado a proposição e, retirando-se a consultar com o Senhor dos exércitos o sucesso dela por meio da oração, que era o recurso ordinário em todas as suas expedições e empresas, levantou-se depois de largo rato tão cheio de espírito, de valentia e intrepidez sagrada que imediatamente passou com Velázquez a fazer a súplica ao rei. Não é fácil explicar o gozo que concebeu Sancho ao ver a ardorosa resolução de ambos; e, como não duvidava da virtude e valimento do abade de Fitero, embora não faltaram alguns covardes aduladores que censuraram de temerária e arrojada a oferta, com aprovação geral das cortes cedeu-lhe Calatrava segundo sua anterior promessa; cuja doação se formalizou por escritura pública em Almazán, pelo mês de janeiro de 1158.

A voz que geralmente se havia espalhado de que Raimundo mandava e tinha a seu cargo uma expedição tão importante encheu de júbilo todo o reino; receberam-na com extremado contentamento os próceres e gente notável, tanto que, dispondo-se à empresa o esforçado abade, não ficou algum que não o ajudasse contribuindo com soldados, armas, cavalos e dinheiro. O arcebispo dom Rodrigo, distinguindo-se entre todos, além dos crescidos cabedais e reforços com que o supriu, fez publicar repetidas indulgências em favor dos que se alistassem em suas bandeiras. Com estes auxílios e os eficazes arbítrios de que se valeu em Fitero, juntou um exército de vinte mil combatentes de grande valor, animosos e esforçados, que parecia, segundo o alvoroço e inteireza de espírito com que caminhavam, que iam muito mais certamente a cantar a vitória que a arriscar-se a uma batalha; e assim o esperavam conseguir sob a condução de um chefe cuja

santidade com tão visíveis prodígios havia acreditado o céu. Dirigiu-se a Calatrava à frente destas tropas e, logo que se apresentou na vila, mudaram de semblante todas as coisas: consolou os aflitos habitantes, alentou-os em sua consternação, fortaleceu a praça de todos os modos e rechaçou os árabes com tanta valentia que lhes fez perder as esperanças de conquistá-la. Não contente com isto, figurando-se não ser triunfo resistir ao inimigo dentro de muralhas, esforçando os soldados com exortações piedosas, armado de todas as armas, fez uma saída da praça, atacou os inimigos em suas mesmas trincheiras, venceu-os, derrotou-os e arrojou-os até de seus mais inexpugnáveis fortes.

Divulgada por toda a Espanha a fama deste esclarecido herói, eleito de Deus para desfazer o opróbrio de seu povo; admirados universalmente de suas gloriosas façanhas e de que um pobre monge fosse o terror de uns inimigos tão irreconciliáveis da religião cristã como temíveis pelo número e pela ferocidade; sendo mais prodigioso ainda haver conseguido tão completas e esclarecidas vitórias mais por efeito de suas fervorosas orações, vigílias e penitências que pelo valor e o poder das armas; acenderam-se não poucos personagens em vivíssimos desejos de militar sob a condução deste novo caudilho do Senhor, para participar de seus triunfos.

Crescendo prodigiosamente o número destes concorrentes e conhecendo Raimundo a sã intenção e fervor deles, com certo modo maravilhoso estabeleceu em Calatrava duas classes de corpos regulares ou congregações religiosas: uma da reforma de Cister e outra de militares com as insígnias da mesma ordem, os quais se chamaram nos princípios irmãos conversos, porque, apartando-se do mundo, se haviam convertido a Deus e dedicado a seu serviço por todo o discurso de sua vida; uns para que louvassem e fizessem sacrifícios ao Senhor no coro e nos altares e outros para que seguissem a guerra contra os infiéis; os primeiros para implorar o auxílio de Deus por meio da oração, da penitência e dos exercícios de piedade e os segundos para que com estes auxílios prevalecessem contra os inimigos da fé e conseguissem com as armas vitórias de todos eles.

Deu aos conversos para sua direção e governo os mais sábios e prudentes regulamentos, em forma de estatutos e constituições regulares, que mereceram depois ser aprovados e autorizados pela sé apostólica, por um breve de Alexandre III do ano de 1164. Deveu-se assim a este como a outros muitos pontífices e reis inumeráveis graças, privilégios e isenções com que se dignaram honrar o novo religioso estabelecimento e seu santo fundador, que o erigiu gloriosamente sobre a pedra angular, Jesus Cristo, pelo ministério de suas piedosíssimas ações, suas virtudes heroicas, sua exatíssima observância na religião e seu eminente e incomparável zelo pela honra de Deus. Tais foram as primeiras ideias e os ditosos princípios em que aquele grande espírito, aquela dignísima alma apoiou o imortal edifício da sagrada e militar ordem de cavalaria de Calatrava, para honra, utilidade e segurança do cristianismo na Espanha, para distinguir e recompensar o heroísmo de sua nobreza, para realçar o decoro da Igreja de Jesus Cristo e para dar esplendor e realce aos votos monásticos; monumentos imortais que representarão eternamente à posteridade a memória de São Raimundo.

Sossegadas algum tanto as fadigas da guerra com a retirada dos mouros, aplicou-se o santo abade a reparar a ruína e a desolação em que haviam ficado os campos de Calatrava com as incursões daqueles bárbaros inimigos. Com estas miras fez vir de várias províncias da Espanha, e

especialmente do reino de Navarra, colonos hábeis que os cultivassem; com o que, em pouco tempo, viu florescer e voltar a sua primeira graça e bondade aquele pinguíssimo terreno; e foram crescendo tanto os domínios daquela casa que chegaram a ocupar o espaço de vinte e oito léguas, desde as Navas de Tolosa até a vila de Orgaz, compreendendo-se neles várias cidades e povos consideráveis.

Cheio assim de coroas que lhe haviam dado a ganhar todos estes felizes sucessos, pensando já só em si mesmo e em aproveitar o pouco tempo que lhe restava viver, atendidos seus muitos anos, sua extrema debilidade e as gravíssimas tarefas de sua vida, quis preparar-se à morte e prevenir o último juízo. Com este objeto, deixando em Calatrava pessoas de sua maior confiança, capazes de seguir exatamente todas as suas ideias, retirou-se a um povoado dentro dos limites de seu domínio, chamado Ciruelos, onde, abstraído inteiramente das impressões e negócios do século, só atento às verdades eternas, passou piedosa e devotamente o resto de seus dias na oração, nas vigílias e no recolhimento de espírito, sendo a admiração e a edificação de toda aquela comarca; até que, debilitada sua natureza com o peso dos trabalhos, com a rigidez de suas austeridades e assombrosa penitência, pagou o comum tributo de todos os mortais e passou a gozar os prêmios eternos no dia 15 de março do ano de 1163. Seu corpo foi sepultado na igreja do mesmo povoado com a possível pompa e magnificência, tendo-se Deus servido acreditar sua glória com muitos milagres que operou pela intercessão de seu servo.

Neste lugar de sua sepultura se manteve o venerável cadáver por espaço de muitos anos, não obstante as vivas instâncias, rogos e solicitudes, tanto dos monges de Cister como dos cavaleiros de Calatrava, interessados todos com o maior empenho em trasladá-lo a seus respectivos mosteiros, resistindo sempre os naturais com incrível força a ser despojados daquele precioso tesouro. Por último decidiu-se a acalorada disputa, apesar destes, no ano de 1468, no qual dom Luís Núñez, cônego da santa igreja de Toledo e arcediago de Madri, transferiu os sagrados ossos de São Raimundo ao convento de Monte Sião da mesma cidade de Toledo, em virtude de bula especial que obteve para isso do papa Paulo II, e os colocou numa capela própria sua, onde se conservaram com grande estima, culto e religião até o ano de 1590 [^2], em que frei Marcos de Villalba, geral que foi da ordem, sendo abade de Fitero, pela grande devoção que professava ao santo, e sem dúvida com superior permissão e faculdade, trasladou as veneráveis relíquias a um suntuoso sepulcro que mandou lavrar perto do altar-mor, ao lado da epístola, com a seguinte inscrição: *Aqui jaz o Venerável Frei Raimundo, Monge desta Ordem, primeiro Abade de Fitero, por quem Deus fez muitos milagres, o qual, com licença do Rei Dom Sancho, o Desejado, defendeu Calatrava dos Mouros e instituiu a Ordem Militar de Calatrava. Morreu no ano de 1163. Trasladado aqui em 1590.*

Martirológio Romano

Em Cesareia da Capadócia, a paixão de São Longino, soldado, o que dizem que abriu com uma lança o lado de Jesus Cristo.

No mesmo dia, o trânsito de Santo Aristóbulo, discípulo dos apóstolos, o qual foi martirizado depois de haver acabado a carreira de sua pregação.

Em Tessalônica, Santa Matrona, escrava de uma mulher judia, a qual, adorando ocultamente a Jesus Cristo e acudindo à igreja diariamente às escondidas, tendo-o descoberto sua ama, foi atormentada com diversos tormentos e, mantendo-se ela constante em confessar a Jesus Cristo, moeram-na a pauladas até que entregou a Deus seu imaculado espírito.

No mesmo dia, São Menigno, de ofício pisoeiro, o qual foi martirizado no tempo de Décio.

No Egito, São Nicandro, mártir, o qual, recolhendo cuidadosamente as relíquias dos santos mártires, mereceu sê-lo ele também, no império de Diocleciano.

Em Córdova, Santa Leocrícia, virgem e mártir.

Em Roma, o trânsito de São Zacarias, papa, o qual governou a Igreja de Deus com suma vigilância e, esclarecido em méritos, descansou em paz.

Em Rieti, São Probo, mártir, ao qual assistiram na agonia os mártires Juvenal e Eleutério.

Em Roma, São Especioso, monge, cuja alma viu um irmão seu voar ao céu.

Missa (oração)

A missa é a cotidiana de defuntos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Fidelium Deus omnium conditor et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum: ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur: Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, Criador e Redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, para que obtenham, pelas piedosas orações de vossa Igreja, o perdão que sempre desejaram de vós. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

Apocalipse 14,13

> **Latim:** [13] Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

Português: [13] Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d'elles os seguem.

Nota

«O livro do Apocalipse não é precisamente uma mera revelação de Jesus Cristo escrita por São João para manifestá-la à Igreja; é também um compêndio de suas divinas máximas. Por isso disse São Jerônimo que nele se contém a medula dos mistérios da fé e que todo louvor é inferior a seu mérito. Bem-aventurado aquele que lê e ouve as palavras desta profecia; isto é, o que se aproveita do que lê.»

Reflexões

Beati mortui, qui in Domino moriuntur: bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Quão pouco conhecida é no mundo esta verdade! Quão pouco ouvida esta linguagem! Ditoso o que vive com esplendor e com abundância; ditoso o que logra o favor do príncipe; ditoso aquele a quem o nascimento ilustre, as prosperidades largas e não interrompidas, a multidão de amigos poderosos, a abundância de bens e de riquezas, uma fortuna sempre risonha, uma saúde robusta alimentada nos regalos fazem objeto de inveja a muitos e modelo da felicidade humana. Isto é o que pensa e desta maneira fala o espírito do mundo. Segundo este sistema, olha com uma espécie de lástima a virtude e a modéstia dos bons; sua morte lhe parece desluzida e sem honra e sua vida uma loucura verdadeira. Mas de muito diferente maneira julga e fala o Espírito Santo. Ditosos os mortos que morrem no Senhor; ditosos os que não se deixaram deslumbrar dos falsos brilhos do mundo nem se embriagaram de seus perniciosos prazeres; ditosos os que, gostando as máximas de Jesus Cristo e colocando toda a sua glória em servi-lo, não pensaram mais que em agradar-lhe; ditosos os que, contando por pouco ou reputando por nada tudo o que lisonjeia, tudo o que encanta no mundo, só se dedicaram a fabricar-se uma fortuna mais sólida e mais estável e só se aplicaram a entesourar riquezas para o céu, onde não há traça que consuma nem verme que roa nem ladrão que roube. Ditoso enfim o que termina uma vida inocente e cristã com uma santa morte. Pergunto: há algum sofisma neste discurso? Há mais brilho que solidez nestes pensamentos? É porventura uma felicidade imaginária, ou ao menos pouco duradoura, pouco sólida, a de morrer no Senhor

com a morte dos santos? Conhece-se que toda outra fortuna, que toda outra felicidade é quimérica. Mas que se conclui de todas estas verdades? Que fruto se tira destas reflexões? Louva-se a prudência dos santos, exalta-se a ventura dos santos, inveja-se a felicidade dos santos; a isto se reduz tudo. E os que lerem isto, contentar-se-ão com discorrer especulativamente desta maneira?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

João 6,51-55

> **Latim:** 51 Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. 52 Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. 53 Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ? 54 Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. 55 Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam : et ego resuscitabo eum in novissimo die.

Português: 51 Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. 52 Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. 53 Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? 54 E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. 55 O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

Meditação

Dos remorsos do pecador à hora da morte

Primeiro ponto

Considera que, embora sejam cruéis os espantos e embora sejam agudíssimas as dores que se sentem à hora da morte, nenhuma coisa atormenta tanto o pecador como os vivíssimos remorsos que despedaçam sua consciência naquela hora.

Durante a vida está a fé meio apagada na maior parte dos cristãos, especialmente nos dissolutos. Crê-se; isto é, não se incorre em erros tais que se mereça o nome de infiel; mas crê-se tão debilmente, tão languidamente, que mal se merece o nome de cristão.

Na morte todas as falsas preocupações se dissipam, todas as veementes paixões se amortecem; aviva-se a fé e faz que se vejam as verdades mais terríveis com tanta claridade que não é possível duvidar delas. Mas, ó meu Deus, que remorsos, que espantos nascem destas claríssimas luzes!

Então se conhece, palpa-se sensivelmente para que fim nos criou Deus neste mundo. Deus só, sim, só Deus devia ser o objeto de meu amor e de meu culto. Que dor haver servido a todos os demais amos, haver amado todos os demais objetos, haver seguido todos os demais guias!

Não me faltaram impulsos, não me faltaram motivos para cumprir com minha obrigação; minha mesma razão estava ditando-me com a maior claridade o que devia fazer; achava a paz em minha boa consciência; encontrava a quietude e meu próprio interesse no cumprimento de minhas obrigações. Que consolo seria agora o meu se houvesse passado a vida em serviço de tão bom amo! Ah, e quantos eficazes movimentos, quantas vivíssimas inspirações tive para fazê-lo! Mas não me deu vontade de servi-lo; olhei muito a sangue-frio a meu Deus expirando por meu amor numa afrontosa cruz; todos os seus benefícios não foram bastantes a vencer minha indiferença; não me deu vontade de amá-lo: *ecce morior*, e eu morro!

Havia no mundo coisa que pudesse entrar em competência com um Deus? Tinha eu porventura dois amos a quem servir? E, dado o caso de que os tivesse, a qual dos dois devia dar a preferência? Muito desditoso é aquele a quem não basta todo um Deus. Eu sou este desditoso, porque me me deu na veneta sê-lo: *et ecce morior*, e eu morro!

Mas em serviço de quem passei os dias de minha vida? Que proveito tirei de haver servido ao mundo? Pesadumbres infinitas, penas contínuas, suores inúteis, servidão cruel, jugo insuportável, vida gasta e perdida em amargura. E de tudo isto que recompensa? Remorsos desesperados, morte espantosa, eternidade infeliz. Ah, meu Deus! Tudo isto é verdade; e há pecadores no mundo!

Segundo ponto

Considera que dor se sentirá quando se conheça que tudo o que nos espantou, tudo o que nos desgostou no serviço de Deus era um puro fantasma. Eram os respeitos humanos, cuja vaidade, cuja ridículo se verão então claríssimamente. Era a apreensão do trabalho: ai, podia eu ignorar que Jesus Cristo assegura que seu jugo é suave e que é ligeira sua carga? Agora conheço que padeci muito mais vivendo licenciosamente do que jamais teria padecido vivendo cristã e ajustadamente. Vejo minha brutalidade; seco-me de dor; mas já não é tempo de emendar meu erro: *ecce morior*, eu morro.

Descuidei totalmente de minha salvação. Os negócios temporais, as partidas de diversão, o jogo, os espetáculos sorveram todo o meu tempo. Amontoei grandes riquezas; mas para quem? Eu me

diverti, eu pequei: *et ecce morior*, eu morro; e morro sem fazer penitência; morro e vou ser condenado ao fogo eterno, condenado a padecer por toda a eternidade todos os tormentos unidos. Oh, que dor! Que desesperação!

Movido da lição daquele livro espiritual, atemorizado com aquele acidente funesto, convencido e desenganado com estas reflexões tão verdadeiras e tão concludentes, estimulado ainda muito mais pela divina graça, havia resolvido converter-me e ainda tinha já formado o plano de minha conversão: quem me estorvou executá-lo? Aquele amigo, aqueles companheiros dissolutos, o mau exemplo, o vão temor de que me tivessem por devoto. E por amor daquele amigo, daquele dissoluto, daquele atordoado, eu me condenei! Quem poderá compreender o rigor desta amargura, desta desesperação, desta raiva?

Desditosas honras, que tanto me deslumbrastes; infelizes adornos, que me custastes tanto; amargos prazeres, que tanto me fizestes gemer; alegrias mundanas, seguidas de tantas lágrimas; quantas vezes vos condenei eu! E por que não procederia segundo meus próprios sentimentos!

Oh, se houvesse eu seguido o exemplo daquele virtuoso conhecido meu que não aguardou a morte para converter-se! Oh, se ao menos me houvesse convertido há um ano, há seis meses, quando tanto me espantei lendo estas verdades terríveis! Pude fazê-lo; nada era então mais fácil para mim; não me deu vontade: *et ecce morior*, e agora morro com esta dor!

Meu Deus, que arrependimento tão desesperado é um arrependimento inútil! Que tormento tão terrível achar-se carregado de culpas quando se vai comparecer diante de vós! Se ao menos se tivesse o consolo de poder atribuir sua desgraça, seus desacertos a alguma pessoa estranha, a alguma causa forasteira; mas vê-se, palpa-se sensivelmente que cada um é o único artífice de sua perdição; vê-se, e eternamente se verá, que cada um se perdeu por haver preferido uma miserável liberdade e desafogo de poucos dias a uma felicidade plena, eterna e que sacia a alma sem fastio.

Doce Jesus meu, que me dais graça para fazer todas estas reflexões, não permitais que algum dia me sirvam de matéria a novos remorsos. Bem sei que o modo de cegar o manancial deles é converter-me no instante: assisti-me, Senhor, com vossa divina graça, para que o execute sem diferi-lo nem um só momento.

Jaculatórias

> *Fiat cor meum immaculatum in justificationibus tuis, ut non confundar.* Sl 118.

Conservai, Senhor, meu coração numa santa inocência pela inviolável observância de vossos divinos preceitos, para que nunca me falte a esperança que tenho colocada em vós.

>

> *Domine, fortitudo mea, et robur meum, et refugium meum in die tribulationis.* Jr 16.

Vós, Senhor, sois toda a minha fortaleza, todo o meu consolo, todo o meu refúgio, especialmente no dia da tribulação.

Propósitos

1. É santo e salutar pensamento, diz o Espírito Santo, fazer oração pelos defuntos, para alcançar de Deus que os livre das penas do purgatório que padecem por seus pecados. Vê se pode haver devoção mais cristã nem mais racional. Teu pai, tua mãe são os que se veem atormentados naquelas penas, e talvez unicamente as padecem pelo demasiado amor que te tiveram, pela ânsia de deixar-te muitos bens, por haverem atendido a teus interesses com mais calor do que fora justo, às custas de sua própria consciência. É um parente, é um amigo teu a quem porventura induziste tu com tuas palavras ou com teus maus exemplos a cometer as faltas pelas quais está penando no purgatório. Em tua mão tens os meios para aliviá-los. Missas, orações, esmolas, boas obras, tudo pode servir para satisfazer por eles à divina Justiça; teus mesmos atos de virtude, cem mortificações pequenas podem ser a um mesmo tempo meritórias para ti e satisfatórias para eles. Que crueldade será não compadecer-te de suas penas e negar-te com dureza a solicitar-lhes o alívio! Encontra-se nosso próprio interesse nesta obra de caridade; porque, que não poderá esperar daquelas almas uma pessoa que, por haver mandado dizer uma missa, por haver dado uma esmola a um pobre envergonhado, por haver visitado os encarcerados ou os enfermos com esta intenção, houvesse adiantado sua liberdade um só dia, algumas poucas horas? Esquecer-se-ão elas jamais na presença de Deus de seu caritativo benfeitor? Não se te passe dia algum sem haver feito alguma coisa por aquelas santas almas. O sufrágio mais poderoso de todos é o santo sacrifício da missa. Reza hoje o ofício de defuntos, faze algumas obras de caridade, alguma esmola e examina com diligência se cumpriste os legados pios ou se fizeste todas as restituições que deixaram encarregadas em seu testamento aqueles de quem herdaste. Que impiedade será alongar sua prisão e seus tormentos por uma injustiça tão torpe!

2. Faze oração por teus parentes; mas não te esqueças daquelas almas desamparadas que talvez estarão sepultadas há muito tempo num profundo esquecimento. Oferece por elas em particular algumas orações, algumas boas obras; e repete algumas vezes esta oração de que usa a santa Igreja: *Hostias et preces tibi, Domine, laudis offerimus: tu suscipe pro animabus illis, quarum hodie memoriam facimus: fac eas, Domine, de morte transire ad vitam, quam olim Abrahæ promisisti, et semini ejus.* Oferecemo-vos, Senhor, sacrifícios e orações de louvor; dignai-vos recebê-los por aquelas almas de quem hoje fazemos comemoração; fazei, Senhor, que passem da morte à vida que prometestes a Abraão e a sua descendência. Aplica pelas almas do purgatório todas as orações e boas obras que hoje fizeres; e, se não puderes rezar o ofício de defuntos, faze por elas alguma outra coisa. O ofício parvo de Nossa Senhora, os salmos penitenciais, o rosário, um jejum, uma esmola extraordinária, tudo isto te pode servir a ti de muito mérito e às benditas almas de

grande sufrágio.

[^1]: 2 Mc 12. O OCR traz “II Mach. 42”, o que corresponde a 2 Mc 12,43-46. [^2]: O OCR traz “4590”, evidentemente 1590 (cf. a inscrição que se cita em seguida).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:02 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:02 by Admin